



Anuário Antropológico

v.49 n.1 | 2024
2024/v.49 n.1

Réplica

Wilson Trajano Filho



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/aa/11865>
DOI: 10.4000/11vft
ISSN: 2357-738X

Editora

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UnB)

Edição impressa

Paginação: 145 - 151
ISSN: 0102-4302

Refêrencia eletrónica

Wilson Trajano Filho, «Réplica», *Anuário Antropológico* [Online], v.49 n.1 | 2024, posto online no dia 12 junho 2024, consultado o 25 junho 2024. URL: <http://journals.openedition.org/aa/11865> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/11vft>



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.



Anuário Antropológico

v.49 n.1 | 2024
2024/v.49 n.1

Réplica *Reply*

Wilson Trajano Filho



Edição eletrônica

URL: <http://journals.openedition.org/aa/11865>
DOI: 10.4000/aa.11865
ISSN: 2357-738X

Editora

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UnB)

Referência eletrônica

Wilson Trajano Filho, «Réplica», *Anuário Antropológico* [Online], v.49 n.1 | 2024. URL: <http://journals.openedition.org/aa/11865> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.11865>



Anuário Antropológico is licensed under a Creative Commons. Atribuição CC BY 4.0



Réplica

Reply

DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.11865>

Wilson Trajano Filho

Universidade de Brasília – Brasil

ORCID: 000-0002-1911-1048

wilson.trajanofilho@gmail.com

Wilson Trajano Filho é professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Foi professor visitante da Universidade de Cabo Verde, da Universidade de Lisboa e da Sciences Po/Bordeaux bem como pesquisador do Instituto Max Planck for Social Anthropology. No Brasil, é um dos pioneiros no estudo antropológico da África.

Os comentários que o texto recebeu inspiraram uma resposta que focaliza as convergências e divergências existentes entre as leituras de meus colegas e a minha. A convergência mais ampla tem a ver com a boa hora em que veio a minha crítica à descolonização. Para Macagno, a oportunidade se deve basicamente ao contexto das Ciências Sociais brasileiras, em que o pacote conceitual da descolonização ganhou uma popularidade inusitada (e eu diria, acrítica). Segundo ele, tal pacote vem no bojo de um modo de pensamento que vira as costas para o saber antropológico. A oportunidade teria então a ver com a contradição entre o sucesso acadêmico de um pensamento pouco antropológico e o crescimento de uma antropologia que se volta cada vez mais para fora do Brasil, para espaços que até recentemente fizeram parte do mundo colonial ou são seus herdeiros diretos. Dado esse contexto, eu posso concluir que, sem um olhar profundamente crítico ao pacote da descolonização, o esforço antropológico de ir além das fronteiras seria uma iniciativa suicida, uma antropologia da autonegação.

Parece-me que Macagno reconhece também que há algo além do situacional na oportunidade de minha crítica. Sua referência aos 50 anos do “25 de abril” atesta claramente isso. Porém, será Ménard que, de modo direto, vai notar que o cabimento da crítica não tem a ver (somente) com a minha inserção no campo disciplinar, mas ao fato de que a descolonização e seus correlatos se tornaram conceitos que revelam e estão na raiz de importantes contradições no mundo acadêmico (ocidental). Sua analogia desportiva, em que as universidades competem numa corrida em que ganham as que se mostram mais decoloniais ou mais pós-coloniais, é bastante perspicaz. Além disso, sua identificação do norte global como o principal sítio das instituições ganhadoras não é objeto de disputas, desde que o problema seja enquadrado numa moldura ordinária, em que predominam as classificações binárias. A esse respeito, sua leitura da situação diverge da minha. A corrida pela instituição mais decolonial mobiliza competidores de todos os cantos do mundo, como atesta a popularidade das abordagens decolonial e pós-colonial no Brasil e na África do Sul. A discordância se intensifica quando eu trago a perspectiva da crioulização, cujo objetivo maior é demolir as classificações fundadas nas oposições binárias e no pensamento dicotômico. Tenho consciência de que sou parcialmente responsável por sua leitura, na medida em que uso seis vezes a expressão “sul global” e uma vez a forma “norte global” no texto original, sugerindo sempre uma oposição entre elas. Isso apenas revela a dificuldade de romper com os enquadramentos ordinários na construção textual. Por mais que queiramos ultrapassar uma perspectiva estabelecida, as ferramentas básicas da expressão do pensamento, sobretudo aquelas cristalizadas nas fórmulas linguísticas padronizadas, parecem querer nos levar de volta ao porto seguro do estado de coisas contra o qual remamos.¹ Em minha defesa, noto que, pelo menos uma vez, eu tive a consciência textual do problema, dissolvendo a oposição entre norte e sul por meio das expressões “periferias do centro” e “centros da periferia”.

A oportunidade de meu esforço tem uma relação com a incompletude do texto que precisa ser estabelecida. Estou ciente de que embora seja longo, ele é incompleto. Não detectei diretamente essa crítica em nenhuma das duas leituras, mas

1 No caso em questão, noto o paradoxo da relação entre as categorias “sul global” e “norte global” com a ideia de perspectiva estabelecida. A última insinua uma constância daquilo que é estabelecido que não se coaduna com a breve existência das duas primeiras categorias no pensamento sociológico.

devo patentear o reconhecimento desse fato tanto na parte que elabora a história do uso do conceito quanto na crítica às abordagens pós-coloniais e decoloniais. Os autores-atores-agentes-ideólogos do mundo colonial dos anos 1930 a 1950 também mereceriam uma análise mais detida de seus projetos e inclinações. Mais cuidado ainda deveria ser reservado às análises e ações dos nacionalistas anticoloniais, que ganharam um tratamento não condizente com a densidade de suas análises e propostas. Mesmo as seções mais críticas do texto são marcadas por um tratamento que involuntariamente homogeneiza. Macagno se ressentiu disso quando menciona os vínculos dos pensadores seniores da corrente decolonial com a economia política e com o marxismo, em contraste com os mais juniores, encantados pela retórica e pela mais extremada versão da ideologia individualista. Quijano estaria certamente entre os primeiros, tendo estreitos vínculos com os pensadores da teoria da dependência e com o marxismo. Ménard também critica a homogeneização que empobrece o meu pensamento, ao chamar a atenção para o precioso retorno da política e da economia nos estudos recentes sobre a descolonização, apesar de reconhecer que a epistemologia continua sendo o principal campo de batalha da decolonialidade.

O contexto da crítica de Macagno à homogeneização tem a ver com a minha proposição de que os pensamentos decolonial e, em menor medida, pós-colonial se caracterizam por uma rebeldia juvenil e conservadora. Ele discorda do qualificativo juvenil e propõe, em seu lugar, a ideia de rebeldia inofensiva. Apesar de ser uma dimensão aparentemente secundária da análise, acho importante insistir no argumento original, pois ele tem a ver com o objeto mais geral de minha crítica, que vai muito além da descolonização (ver mais adiante). A proposição acerca da rebeldia juvenil está fundada em dois pontos: a natureza difusa da perspectiva “anti” e seus vínculos com a cultura popular (vistos na centralidade da ideia não matemática, mas cinematográfica, de *Matrix*, dos pluri e multiversos do filme *Interstellar*, da Gaia mística que está mais para Isaac Asimov do que para Lovelock, e a referência que associa Bob Marley à vincularidade), entendida como dimensão da vida e do pensamento que não implica com as contradições e ambiguidades, deixando-as fluir livremente. Eu achava que meu ponto de vista estava bem fundamentado, mas consolo-me com o que Macagno propõe em outro momento de sua leitura sobre outro assunto: “não basta ter razão, é preciso ser persuasivo”.

Um dedo de pensamento sobre a natureza da incompletude. Conforme já apontei na primeira nota do artigo, a ideia de escrever esse texto nasceu de um convite de Jacqueline Knörr para fazermos um trabalho conjunto que olhasse para o fenômeno da descolonização através das lentes da criouliização. Essa relação, aparentemente inusitada, já havia sido esboçada por mim em um trabalho sobre as Ciências Sociais no mundo contemporâneo (Trajano Filho 2011). Nele, eu tomava “o colonialismo como um evento histórico relativamente recente no bojo do processo mais amplo de criouliização deslanchado pelos encontros intersocietários que colocaram europeus de proveniências variadas em interações regulares com africanos, também de origens diversas”. Assim, o colonialismo e a descolonização, que é um de seus desdobramentos possíveis, são tomados como parte de algo mais amplo, que é o

processo de criouliização decorrente do movimento de expansão europeia a partir do século XV. Ao examinar a literatura pertinente, eu fui me dando conta da necessidade de desenvolver um olhar crítico severo aos estudos tão em voga sobre o tema, que escorregam para o campo da epistemologia, e da importância de bem conhecer a história de uso do termo, antes de introduzir a noção de criouliização. A essas alturas, o esforço para demarcar as linhas mestras da história de uso e para fazer a crítica à preponderância das dimensões ideacionais do colonialismo e da descolonização, com sua forte ênfase na epistemologia e nas instituições acadêmicas, havia crescido substancialmente e ganhado autonomia. Por um lado, passei a vislumbrar um texto de maior envergadura, um livro, para dar conta de tudo que queria tratar. Por outro, um sentimento de urgência em razão da notoriedade do tema e da consequente banalidade com que ele tem sido tratado, assim como a certeza de que a crítica deveria ter o tom mais áspero que acabou tendo, me impeliram a publicar um texto ainda incompleto no que tange ao seu recheio, mas definitivamente integral no que respeita à sua estrutura formal e substantiva. Com isso, os leitores podem esperar para um futuro próximo um livro com um tom mais sereno, uma argumentação menos homogeneizante e uma cobertura mais minuciosa, assim como o artigo conjunto em que o tema da criouliização mereça um tratamento mais bem desenvolvido do ponto de vista teórico-conceitual.

A importância dada à criouliização para a compreensão do colonialismo e da descolonização foi provavelmente o objeto da crítica mais explícita nas duas leituras que meu texto recebeu. Macagno deixa clara a sua reserva acerca de um suposto otimismo com relação ao poder da criouliização, aponta para as ambiguidades inerentes a esse dispositivo heurístico, chama a atenção para o crescimento dos discursos e práticas xenófobos no mundo contemporâneo, argumenta que a minha ênfase na criouliização não me desobriga de usar a noção de cultura, que continua a operar de modo sub-reptício na análise e, por fim, afirma que a agência culturalista dos “nativos” desafia invariavelmente as categorias antiessencialistas que quero introduzir com o seu uso. Ménard é menos crítica da ideia de criouliização, mas tem reservas quanto à junção entre ela e a antropofagia, apontando para uma problemática indiferenciação entre a última e a ideia de apropriação.

Primeiramente, eu devo dizer que introduzo a noção de criouliização para entender as mudanças ocorridas durante os processos de descolonização, com o objetivo de superar as dificuldades relacionadas à ideia de cultura como entidade autocontida e autossuficiente, separadas umas das outras por traços distintivos objetivos e com implicações de pureza e autenticidade, e ao colonialismo como um dicotômico jogo de forças entre colonizados e colonizadores. Tratando os fenômenos da descolonização a partir dessa perspectiva, as duas linhas de pensamento criticadas em meu trabalho enfrentam enormes dificuldades para explicar os encontros intersocietários, as sínteses, as misturas e os fluxos de práticas e formas socioculturais. E, ao propor, como fazem os decolonialistas, o desligamento e o afastamento do mundo colonial com relação ao que chamariam de metropolitano, eles se mostram prisioneiros de alternativas problemáticas: uma angustiante busca pela pureza e autenticidade primordiais perdidas durante a colonização, que só pode ser alcan-

çada pelo desligamento radical, ou uma luta penosa para evitar a conclusão de que o mundo humano das misturas, das sínteses, dos fluxos, empréstimos e do se deixar afetar é residual, um resquício da dominação colonial que deve ser evitado.

Todo o meu esforço com a introdução da noção de criouliização é no sentido de mostrar que, como programa de ação, a mistura, o engajamento, a síntese, a cópia, a paródia, a apropriação e o roubo são melhores e mais produtivos do que o afastamento e o desligamento. Além disto, ela também fornece um arcabouço mais adequado do que a velha noção de culturas discretas e impermeáveis umas às outras.

Não é objeto de polêmica o fato de que as sociedades e culturas contemporâneas estão em permanente estado de fluxo, de trocas, de apropriações e de sínteses criativas. Este é o estado natural do social. As Ciências Sociais fazem uso de vários conceitos (na maior parte das vezes, analogias) para lidar com esse mundo em fluxo: hibridismo, mestiçagem, sincretismo e criouliização, entre outros. Minha opção pela última, que não foi devidamente explicada no texto original², se deve ao fato de ela ser a que melhor explica os caminhos que conduzem às mudanças, misturas e aos fluxos. E, como bônus, ela é mais eficiente do que os conceitos rivais no tratamento da emergência do novo, o que chamei de síntese criativa. O uso que faço da noção de criouliização social e cultural tem uma clara fonte de inspiração linguística e está baseado na analogia entre língua e cultura. Tenho consciência dos limites dessa analogia e exponho isto no artigo. Suas ambiguidades, contudo, não devem impedir que testemos sua produtividade.

Macagno argumenta que, apesar de introduzir a noção de criouliização, eu não consigo expulsar a cultura, que permanece viva nas análises substantivas, chegando mesmo a sugerir uma agenda de investigação para entender o que seria um essencialismo crioulo avesso às porosidades e às reinvenções culturais. O modo como concebo a criouliização, inspirado nas ideias de *continuum* pós-crioulo em situações de descriouliização, parece-me dar boa conta desses casos. A noção de cultura permanece bem viva nesse aparato conceitual, mas ela tem uma natureza não discreta, intersistêmica, contínua e, quem sabe, implicacional. Conforme o grau em que uma sociedade se descriouliiza, as barreiras serão mais ou menos fixas, os fluxos mais ou menos fluidos e a abertura para o que vem do exterior maior ou menor. Eu mesmo tive a oportunidade de tratar disso ao analisar as perspectivas contrastantes acerca dos empréstimos culturais e da abertura para se deixar influenciar em dois universos crioulos (Trajano Filho 2018).

Sobre o otimismo exagerado com o mundo em estágio avançado da criouliização, detectado por Macagno, devo dizer que a sentença por ele mencionada foi propositalmente escrita como tal, incluindo a referência a Hannerz. Ele tem razão em dizer que a antropologia das conexões transnacionais ficou datada, se refere a um mundo que não mais existe e que, depois do 11 de setembro, o que mais vemos são as ameaças ao cosmopolitismo, a reemergência dos muros e um crescente exclusivismo. Nada disso me impediu de vislumbrar o “descortinar de um mundo humano multipolar”. Não quis com isso me referir ao prometido mundo globalizado da década de 1990 em que prevalecia o multiculturalismo, uma ideologia que valoriza a multiplicação das mônadas, cada uma vivendo em grande isolamento. Não,

2 Isso terá que esperar pelo texto em que a criouliização receberá um tratamento mais apurado conceitualmente. Na realidade, esse tratamento já foi avançado em suas linhas mestras nos trabalhos de Knörr (2022a, 2022b, 2022c) que motivaram a escrita do trabalho de agora. Um texto conjunto deverá vir à luz no futuro.

ao me referir ao mundo em estágio avançado de criouliização, eu estava pensando num mundo verdadeiramente criouliizado; estava apontando para o declínio óbvio do império e para o definhamento da cultura nele hegemônica; estava sugerindo (com uma dose de ingenuidade positiva) uma configuração de múltiplas sínteses criativas em que novos atores geopolíticos estão ganhando voz ativa.

Não deixo de ver os obstáculos a temperarem o meu otimismo; só não os vejo como elementos que negam ou inviabilizam a criouliização. Aqui, a expressão-chave é “mundo humano”, o mundo como ele é. No final do texto original, eu chamo a atenção para não se deixar seduzir por idealizações e advogo que o roteiro para a ação deve ser realista e que a análise deve assumir uma atitude cuja melhor promessa não é a do fim das desigualdades, mas somente a das assimetrias menos sufocantes. Em tudo isso, eu vejo que a introdução da criouliização em minha moldura analítica, tal como foi feita, tem mais uma dimensão pragmática do que teórica. Tal como está, ela seria mais bem compreendida como um programa de ação que nos inspira a apropriar o que é dos outros e incorporá-lo ou torná-lo nosso. Por isso, complemento a criouliização com a antropofagia. Ideia modernista que provocativamente queria processar o Brasil modernista das misturas e dos fluxos, a antropofagia é menos um conceito e mais uma atitude devoradora, que apropria e incorpora. Para os propósitos da análise, a cozinha antropofágica realiza as duas atividades sem que seja necessário estabelecer a diferença entre elas, como quer Ménéard.

Para terminar esta resposta, que já vai muito longa, gostaria de deixar notado que se há alguma ambição de natureza teórica no artigo, ela não tem a ver com o meu completo desagrado com a febre decolonial e pós-colonial. Minha pretensão teórica ao escrever esse rapsódico ensaio foi tomar o caso da descolonização para mostrar os descaminhos percorridos pela elaboração teórica e construção conceitual no seio das Ciências Sociais contemporâneas. Procurei mostrar em detalhes os percursos tomados pelo conceito, que o tornaram obeso, portador de sentidos conflitantes. Chamei a isto de obesidade conceitual e noto que essa *malaise* tem afligido importantes conceitos da teoria social. Identidade, resistência, gênero, mimese, populismo e descolonização são alguns deles. Porém, o que mais sofreu desse mal e o que mais nos afeta é o conceito de cultura. Aqui se encontra a segunda ambição de natureza teórica desse ensaio. A pretensão do texto não foi tanto fazer uma crítica ao conceito, que tem sido entendido através de dicotomias e binarismos simplificadores. Essa crítica tem sido feita nos últimos 50 anos e parece ter alcançado uma verdadeira unanimidade entre os meus pares. No entanto, quando chega a hora de fazer as análises substantivas, o que mais ocorre é escorregarmos de volta para as versões tradicionais que tanto criticamos. Na visão de Macagno, minha análise pode ter sido vítima dessa ilusão, mas espero ter mostrado (no artigo e na resposta de agora) que quando vista pela ótica do mundo em criouliização, o conceito é operativo sem deslizar para os problemas que apontei. Mas como sempre, “não basta ter razão, é preciso ser persuasivo”.

Referências

- Knörr, Jacqueline. 2022a. "Interactions between decolonization and creolization: Towards an anthropological turn in decolonization studies". *Visiting Professor's Lectures ENS, Part 1* (2 April 2022). Department of Social Sciences and Centre Maurice Halbwachs (CMH), École Normale Supérieure (ENS), Paris.
- Knörr, Jacqueline. 2022b "From West Africa to Indonesia, between creolisation and decolonisation: a personal and intellectual encounter". *Visiting Professor's Lectures ENS2022, Part 2* (20 May 2022). Department of Social Sciences and Centre Maurice Halbwachs (CMH), École Normale Supérieure (ENS), Paris. <https://www.cmh.ens.fr/en/evenement/la-fabrique-de-lenquete/>
- Knörr, Jacqueline. 2022c. "Towards decolonizing concepts of decolonization (by means of concepts of creolization)". *Conference Out of Control? How Concepts and Practices Circulate across Boundaries*. Käthe Hamburger Kolleg/Centre for Global Cooperation Research (KHK/GCR21) and Institute for Advanced Study in the Humanities (KWI), University of Duisburg-Essen.
- Trajano Filho, Wilson. 2011. "Dilemas, projetos e questões: reflexões quase musicais de um antropólogo convertido". In *As Ciências Sociais no Mundo Contemporâneo: Revisões e prospecções*, organizado por G. L. Ribeiro, A. M. Fernandes, C. B. Martins e W. Trajano Filho, 289-300. Brasília: Letras Livres.
- Trajano Filho, Wilson. 2018. "Influence and Borrowing: Reflections on Decreolization and Pidginization of Cultures and Societies". In *Creolization and Pidginization in Contexts of Postcolonial Diversity: Language, Culture, Identity*, editado por J. Körr, e W. Trajano Filho, 334-59. Leiden: Brill.